

# Kyle Dunham, Jó, Elifaz 1

© 2024 Kyle Dunham e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Kyle Dunham em seu ensinamento sobre Elifaz, o sábio piedoso de Jó. Esta é a sessão número um, Elifaz no Contexto da Sabedoria Edomita.

Olá, meu nome é Kyle Dunham. Sou professor associado de Antigo Testamento no Seminário Teológico Batista de Detroit em Allen Park, Michigan. Hoje estou discutindo o livro de Jó e analisando especificamente o papel de seus conselheiros ou amigos. Estudei muito sobre esses interlocutores com Jó e minha dissertação foca especificamente em Elifaz, o principal dos interlocutores.

Isto foi publicado em um livro da Wipf & Stock intitulado *The Pious Sage in Job*. Então, se você estiver interessado em mais material por trás disso, você pode pegar esse livro e dar uma olhada nesse material enquanto eu leio o livro de Jó. Ao chegarmos ao livro de Jó, ele é, em muitos aspectos, um livro que tem confundido os intérpretes.

Muitos têm lutado para compreender as complexidades desta obra-prima literária. Para muitos leitores, a complexidade dos diálogos mostra a grandeza de Jó e o livro costuma receber elogios literários. Por exemplo, Thomas Carlyle opinou que Jó é uma das coisas mais grandiosas já escritas com uma caneta humana.

No entanto, as dificuldades interpretativas intensificam-se quando o leitor tenta avaliar o papel que o autor destinou aos três companheiros de Jó, Elifaz, Bildade e Zofar. A narrativa bíblica relata de forma inesperada e sucinta que os amigos, ao saberem de todo esse mal que se abateu sobre Jó, marcaram um encontro para virem demonstrar simpatia e conforto a ele. Na verdade, lemos sobre isso em Jó 2, versículos 11 a 13.

Eu gostaria apenas de ler esses versículos e depois comentaremos sobre eles. Agora, quando os três amigos de Jó ouviram falar de todo esse mal que havia acontecido com ele, vieram cada um do seu lugar. Elifaz, o temanita, Bildade, o suíta, e Zofar, o naamatita.

Eles marcaram um encontro juntos para mostrar-lhe simpatia e confortá-lo. E quando o viram à distância, não o reconheceram. E eles levantaram suas vozes e choraram e rasgaram as vestes e espalharam poeira sobre suas cabeças em direção ao céu.

E ficaram sentados com ele no chão sete dias e sete noites e ninguém lhe falava uma palavra, pois viam que o seu sofrimento era muito grande. A aparição abrupta do amigo, para não mencionar a consequente prolixidade, incita a curiosidade do leitor

para determinar quem eles são, o que estão dizendo, como devem ser percebidos e dizer isso, e a razão para falar como o fazem. Além disso, o desenrolar do livro provoca cada vez mais o leitor a compreender a natureza da suposta simpatia e conforto que os amigos pretendem transmitir ao seu ex-amigo.

Em qualquer avaliação dos amigos, emergem rapidamente as ambiguidades interpretativas implícitas no porta-voz principal, o interlocutor Elifaz. Elifaz é o mais velho e respeitado dos três companheiros. Ele é o primeiro a falar e seus discursos são mais longos que os demais.

Vários estudiosos o consideram um tradicionalista, um guardião da teologia da sabedoria tradicional, que, se de alguma forma é culpável, pouco mais do que erros na aplicação de seus princípios teológicos de maneira muito rígida. Além disso, Elifaz tem um papel integral, e poderíamos dizer até mesmo paradigmático, no livro como conselheiro-chefe. Seus discursos fornecem um paradigma para os amigos posteriores que o seguem.

Seus discursos abordam cada uma das diversas teodicéias oferecidas pelos oradores humanos em Jó. Com isso queremos dizer seus esforços para reconciliar o sofrimento com a justiça de Deus. Ainda assim, outros criticam Elifaz pela aspereza com que ele insulta Jó, especialmente nos seus discursos posteriores.

Alguns o consideram um vilão que quer destruir Jó imediatamente. Alguns até o acusam de ter sido inadvertidamente usado por Satanás, uma ferramenta diabólica explorada para impor o engano de Satanás a Jó. E à medida que lemos o livro, não é de admirar que tal gama de interpretações tenha surgido.

Por um lado, Elifaz está entre os oradores mais eloquentes do livro, talvez de todas as Escrituras. E ainda assim Yahweh o escolhe para uma dura repreensão no final do livro. À primeira vista, há dificuldade em resolver estas aparentes inconsistências.

E mesmo já na tradução grega de Jó na Septuaginta, os intérpretes de Jó parecem ter deliberado sobre o papel pretendido dos amigos. Na versão grega mais antiga de Jó, os tradutores da Septuaginta parecem suavizar a aspereza de Elifaz e dos outros amigos, transformando ele e eles em reis e tornando seus discursos mais sofisticados do que se poderia depreender de uma leitura atenta do texto hebraico. Mesmo no Novo Testamento, o apóstolo Paulo parece citar com autoridade o sábio, levando a uma maior incerteza interpretativa.

Em 1 Coríntios 3.9, Paulo diz, pois está escrito, ele apanha os sábios em sua astúcia, uma citação de Jó 5.13 no primeiro discurso de Elifaz. No entanto, embora o apóstolo Paulo cite Elifaz, nem tudo resultaria na história interpretativa desta figura. A igreja primitiva parecia tratá-lo de forma ambivalente, mas na Idade Média, uma leitura muito dura do primeiro sábio tomou conta.

E poderíamos chamar isto de bipolaridade interpretativa que se seguiu à Reforma e ao Iluminismo. Muitos o criticaram como um conselheiro rude e dado a excessos teológicos. Mas em meados do século XX, Elifaz entrou no que poderíamos chamar de uma reabilitação interpretativa.

Ele desfrutou de uma espécie de Renascimento entre os estudiosos do livro de Jó e os comentaristas. E isso persistiu até os dias atuais. No século XXI, vemos cada vez mais estudos que argumentam que o autor cria intencionalmente ambiguidade em relação a Elifaz, de modo que o seu papel se destina a evocar uma reação negativa e positiva.

Agora, ao pensarmos em Elifaz e em seu papel no livro, as interpretações dele caíram principalmente em duas linhas. O primeiro grupo vê Elifaz como o que poderíamos chamar de um conselheiro pernicioso, sem nenhuma contribuição teológica. Isto é, ele vem para causar danos a Jó.

Esses intérpretes diriam que os amigos eram simplesmente canalhas trazidos pelo autor de Jó para fornecer uma contrapartida superficial à teologia do próprio Jó. Por outro lado, mostra o que o autor quis enfatizar como os princípios principais do livro. Os amigos, portanto, são realmente interpretados para ilustrar esse desafio abordado pelo livro.

Como alguém pode reconciliar os sofrimentos dos inocentes com a justiça de Deus? Normalmente, um corolário dessa visão é o entendimento de que os amigos eram rígidos e estáticos, com pouca variedade de expressão e nada realmente acrescentar à teologia do livro ou à sua teodiceia. Outros, no entanto, adotaram uma linha diferente. Eles viam Elifaz como um conselheiro sofisticado, com contribuições teológicas substanciais.

Estudos recentes, como o de Carol Newsome, buscam reabilitar os amigos percebendo com maior precisão o sentimento de dilema moral que o diálogo é capaz de proporcionar. Newsome observa, por exemplo, que o gênero literário do Diálogo de Sabedoria, que serve de modelo para a conversa entre Jó e os seus amigos, sugere que a troca pretendia ser vista como um debate equilibrado. Manfred Oeming também afirma que os amigos se saíram mal nas mãos dos intérpretes, apesar das pistas no texto de que o leitor deveria percebê-los como verdadeiros amigos.

E ele diria, mesmo como bons ministros. É o que diz Oeming: os amigos de Jó decidiram tentar inúmeras maneiras de proporcionar alívio nas adversidades externas e internas, como confidentes em sua disputa, por referência a Deus e ao seu relacionamento anterior com ele. Ele prossegue dizendo que na história interpretativa, eles foram considerados traficantes de frases insensíveis,

consoladores lamentáveis, que não percebiam as necessidades de seu oponente, mas sim com um dogma para proteger a Deus, deram-lhe uma surra.

O eming diz que essas opiniões negativas considero inadequadas ao texto. Em vez disso, a intenção do poema parece ser atraí-los como amigos genuínos e bons ministros. Oeming prossegue sugerindo três maneiras pelas quais os amigos provavelmente seriam percebidos pelo público original como conselheiros eficazes.

Primeiro, quando chegam a Jó no início, eles mantêm silêncio. Eles expressam solidariedade e paciência com Jó, o que parece sugerir que são amigos e sábios conselheiros. Segundo, em vez de se apressarem para falar, eles esperam que Jó dê a primeira palavra.

Esse tipo de escuta contida, enquanto ficam sentados por sete dias, permite que Jó seja o primeiro a entregar o que tem a dizer. Depois disso, Elifaz começa com bastante sensibilidade e cautela. Terceiro, os amigos percebem-se uns aos outros no debate que se segue, não apenas como refletores ou repetidores, mas como participantes num processo deliberado de troca, através do qual trabalham para uma resolução mutuamente satisfatória.

Ele chega a dizer que eles trazem um senso de cuidado pastoral a Jó em sua adversidade. Eles fazem isso por vários meios. Eles lembram a Jó a posição teológica anterior que ele próprio defendia.

Eles fazem referências repetidas às promessas divinas de alívio, desde que Jó se humilhe diante dos sagrados conselhos de sabedoria. Eles trazem à sua lembrança a propriedade comum da sabedoria teológica, particularmente no que diz respeito a esta ideia de sofrimento como meio para bons fins. Eles aplicam consistentemente essa conexão entre ato e resultado, frequentemente mencionada com referência ao livro de Jó, para fornecer-lhe um porto seguro para confessar seus pecados e buscar a reconciliação.

E assim, com base nestes estudos, estudiosos mais recentes têm tentado ver os amigos, não apenas como caricaturas ridículas do antigo sábio ou como simplórios ideológicos, mas como conselheiros sérios e teologicamente sofisticados e companheiros autênticos que procuram encontrar uma solução. resolução para a agonia de Jó. No meu próprio estudo, cheguei ao que chamaria de abordagem de visão composta, que vê Elifaz como o principal interlocutor, mas presta mais atenção ao meio de onde ele emerge. Ou seja, em meu estudo do livro, cheguei à conclusão de que ele não deve ser visto nem como um espantalho, nem como um bufão parodiado, mas antes ele une elementos importantes da antiga teodicéia do Oriente Próximo para sugerir que A única maneira de Jó resolver sua situação é o apaziguamento divino.

Jó pecou, afirma Elifaz, e agora ele deve utilizar todos os recursos à sua disposição para obter um favor renovado de Deus. Elifaz incorpora os princípios mais queridos das antigas visões do Oriente Próximo sobre o sofrimento e a providência divina. Ele emprega todos os recursos autorizados disponíveis para convencer Jó e os outros da solidez de seus princípios.

No entanto, o fracasso de Jó em concordar constrange principalmente Elifaz, junto com os outros amigos, e dá início a um resultado impressionante e dramático no final do livro. Estudos anteriores sobre Jó não realizaram de forma suficiente uma comparação e contraste consistente e completo de Elifaz e seu papel nos discursos do livro com o cenário do antigo Oriente Próximo a partir do qual suas idéias se materializaram. E assim, neste estudo, concluo que Elifaz merece um lugar de destaque no livro como o principal defensor dos melhores elementos do antigo Oriente Próximo e, em última análise, da sabedoria humana.

Então, quero apenas falar por um momento sobre algumas das maneiras pelas quais este estudo nos ajuda a situar melhor Jó no contexto do qual o livro provavelmente emerge. Houve insuficiências nas abordagens anteriores de Jó que um estudo aprofundado de Elifaz no cenário do antigo Oriente Próximo pode corrigir. Primeiro, as abordagens anteriores não compreenderam realmente Elifaz em termos da sua história de recepção.

Compreender as diversas formas como Elifaz foi lido na história ajuda-nos a evitar armadilhas previsíveis sobre como devemos lê-lo, seja num extremo ou noutro. Se voltarmos até a Septuaginta, perceberemos que desde o início, os intérpretes têm lutado para entender como Elifaz funciona no livro. Em segundo lugar, eu sugeriria que exames anteriores não conseguiram explorar plenamente as implicações da sua proveniência edomita.

Os personagens principais de Jó são provavelmente edomitas. Jó é de Uz, Jó 1:1, uma terra provavelmente identificada com Edom, sudeste da Palestina ou Canaã. E Elifaz é de Timã, como nos diz Jó 2:11.

Esta é uma localidade que faz fronteira com Edom propriamente dita e associada a Edom e à sabedoria edomita. Edom era conhecido pela sua sabedoria e a influência que esta tradição de sabedoria tem na perspectiva teológica e no papel de Elifaz não foi completamente explorada. Estudos recentes do dialeto edomita e das inscrições edomitas lançam luz adicional sobre o contexto religioso e de sabedoria do qual Elifaz e os outros emergiram.

E assim, no meu estudo, interajo com parte desse material. Terceiro, uma visão excessivamente restritiva das fontes de sabedoria a partir das quais Elifaz construiu a sua resposta teológica tem dificultado as abordagens a Elifaz. Por exemplo, os

estudiosos muitas vezes o consideram um proponente tacanho da teologia retributiva deuteronomica.

Esta abordagem, no entanto, é anacrônica e não consegue apreciar as fontes e perspectivas multifacetadas das quais Elifaz se baseia. E penso que parte disto é compreender, mais uma vez, os materiais de base do antigo Oriente Próximo, o que nos ajuda. E assim por diante, compreendendo o seu papel no contexto das antigas teodicéias do Oriente Próximo.

Existem alguns deles que ainda existem, o que ajuda a situar Elifaz na tradição de sabedoria mais ampla da Mesopotâmia. Estas obras que foram comparadas a Jó foram estudadas em nível macro. Isto é, olhando para o livro de Jó como um todo e olhando para esses outros paralelos antigos do Oriente Próximo.

Seriam obras como a Teodicéia Babilônica, os Contos do Justo Sofredor, Ludlul bel nemeqi e outros. Contudo, estes estudos não levaram a cabo uma consideração aprofundada sobre como, em muitas destas obras, o sofredor interage, como no livro de Jó, com um conselheiro principal, um interlocutor principal. E este papel no livro de Jó é cumprido por Elifaz.

Em outras palavras, o que não foi suficientemente estudado no passado é como nessas antigas obras do Oriente Próximo, em quase todos os casos, o justo sofredor interage com um amigo com a intenção de levá-lo à resolução. Isso também ocorre no livro de Jó, mas muitas vezes os estudos do passado não interagiram suficientemente com o modo como o público original esperava que Elifaz funcionasse e desempenhasse seu papel no livro. Portanto, isso tem implicações sobre como devemos interpretar Elifaz como o principal sábio.

Finalmente, se juntarmos estas ideias, teremos uma melhor compreensão do livro de Jó como um todo. Se, na tradição da teologia da sabedoria do antigo Oriente Próximo, se espera que Elifaz e os outros amigos levem Jó ao arrependimento e à reconciliação com Deus, e ainda assim não conseguem fazê-lo, isso sublinha um propósito significativo para o autor de Jó. Por meio desta ineficácia, o autor de Jó apresenta ou enfatiza o fracasso das perspectivas teológicas tradicionais do antigo Oriente Próximo em resolver as questões mais profundas do sofrimento.

Estas são perguntas ainda feitas por muitos hoje. Assim, embora Elifaz apresente o conselho esperado dos sábios, o autor bíblico de Jó demonstra que o seu conselho é, em última análise, falho. O sofredor justo pode não resolver completamente as tensões inerentes à dicotomia entre a sua situação e a ênfase bíblica na bondade e soberania de Deus.

Nessa perspectiva, percebe-se que o livro de Jó funciona como um contraponto notável dentro dos escritos sapienciais bíblicos. Embora Elifaz incorpore as maiores

conquistas e as perspectivas mais profundas da sabedoria humana no antigo Oriente Próximo, a sua perspectiva permanece, no final, meramente humana. A solução de Deus, por outro lado, é marcada pelo contraponto.

No livro de Jó, como na história, Deus tem a última palavra. Elifaz, como defensor do apaziguamento, é um dos principais legalistas teológicos antigos que busca alcançar a justiça diante de Deus por meios humanos, em vez de por meios divinamente prescritos. Como legalista renunciando a lei mosaica, Elifaz exibe traços religiosos e teológicos que são endêmicos à humanidade desde a queda.

No entanto, como aconteceu com Adão, com Caim, com outros desde as origens da história humana, os meios impróprios de Elifaz de alcançar a justiça com o Deus ofendido culminam em fracasso. O livro de Jó e os eventos e discursos delineados demonstram aos leitores dentro das comunidades religiosas, verdades significativas sobre o pecado, o sofrimento, a justiça e a providência divina que fornecem, mesmo para nós hoje, grãos para uma reflexão teológica e teológica sustentada, ponderada e sustentada. Mas também proporcionam consolo ao crente desesperado.

Através da vigorosa caracterização e retrato de Deus no livro, que dirige e sustenta a criação. Ao compreender seu papel no livro, compreende-se plenamente a benevolente providência divina, que dirige os detalhes da vida do povo de Deus. Portanto, antes de chegarmos a essas grandezas elevadas, devemos primeiro entender como os leitores antigos viam Jó e, portanto, Elifaz como figuras literárias e sábios dentro de suas tradições.

Quem é Jó? O nome Jó é mencionado duas vezes no Antigo Testamento, fora do livro que leva seu nome em Ezequiel 14, versículos 14 e 20. Ali, Ezequiel apresenta Jó como um antigo modelo de fé. Ele diz, mesmo que estes três homens, Noé, Daniel e Jó estivessem nele, eles libertariam, mas suas próprias vidas pela sua justiça declara o Senhor Deus.

O nome Jó também aparece no panteão de heróis elogiados no escrito apócrifo de sabedoria, Ben Sira, que diz isso, pois Deus também mencionou Jó, que se apegou firmemente a todos os caminhos da justiça. A escrita ali parece depender de Ezequiel. No Novo Testamento, o apóstolo Tiago apresenta Jó como modelo de perseverança exemplar.

Vocês ouviram falar da firmeza de Jó e viram o propósito do Senhor, como o Senhor é compassivo e misericordioso. O nome pessoal Jó é amplamente atestado em inscrições do segundo milênio aC em acadiano, assírio, egípcio e ugarítico. Aparece, por exemplo, nas cartas de Amarna do século XIV, numa inscrição amorreu de Alak, nos textos de execração do Egito do século XIX e em vários textos ugaríticos, incluindo uma lista de funcionários do palácio do século XIII.

Quanto ao significado do nome, muitos sugeriram um significado de inimizade ou de exibição de inimizade com base em alguns cognatos e uma suposta congruência entre o nome Jó, ' oev , e o termo para inimigo, ' oev . Aqueles que apoiam esta ligação apontam para textos como Jó 13:24, em que Jó acusa Deus de ser seu inimigo. E argumentam que é quase certo que os leitores originais de Jó teriam entendido esse significado.

No entanto, David Clines sugeriu, e tendo a seguir o seu exemplo, que a proveniência e o significado do termo podem estar mais intimamente ligados aos cognatos ugaríticos. A evidência ugarítica sugeriria que a etimologia do nome vem de um composto de duas palavras, l, que significa onde, e de, qual seria um constituinte teofórico. Em outras palavras, refletiria o pai divino.

Existe um nome parecido, ayaku em ugarítico, que significa onde está meu irmão? E portanto, o nome Jó significaria, onde está meu pai divino? Clines sugere que, se for esse o caso, então a simples menção do nome Jó é um apelo por ajuda divina. E penso que existem algumas ligações com o Noroeste Semítico, que tendem a levar-me nesta direção. Agora, de onde vem Jó? Existem duas teorias principais.

Jó 1:1 nos diz que ele vem da terra de Uz e as duas principais tradições são aquelas localizadas na Síria moderna ou na antiga Edom ou na Arábia. Alguns argumentam que a ligação será feita com a Síria. Isto se baseia em uma antiga inscrição assíria, de acordo com alguns dos escritos de Josefo e outros achados arqueológicos.

Barton argumenta que Uz estava localizada na atual Síria. E ele baseia isso numa inscrição assíria do século IX, de Salmaneser II. Mas olhando mais de perto os dados bíblicos, parece que a evidência da proveniência assíria é mais tênue do que a alternativa.

E parece apontar na direção de que os personagens principais de Jó são edomitas. O fato de Uz ser identificada com Edom, a sudoeste de Canaã ou com a Palestina decorre de vários fatores. Primeiro, o patronímico Uz é encontrado na genealogia edomita de Gênesis 36, versículo 28.

Segundo, Uz está ligado a Edom por meio de paralelismo poético no Antigo Testamento. Por exemplo, em Lamentações 4:21, o autor diz: alegre-se e alegre-se, ó filha de Edom, você que habita na terra de Uz ou Uz. Parece que o autor aqui identifica os edomitas como aqueles que habitam naquela terra.

Terceiro, a maioria dos nomes no livro de Jó parece ter origem edomita. Por exemplo, Elifaz aparece com destaque na genealogia edomita de Gênesis 36. Quarto, Elifaz, que é o principal interlocutor de Jó, vem de Timan, uma região incluída em Edom propriamente dita em várias passagens, como Ezequiel 25 e Amós 1. Essas também são áreas associadas com o reino edomita e a sabedoria edomita.

Edom e Timan eram conhecidos por sua sabedoria e são associados tanto em textos bíblicos quanto em textos extra-bíblicos como perpetuadores de uma profunda tradição de sabedoria. O termo Timan é usado cerca de 20 vezes no Antigo Testamento e geralmente denota território no Sul. O nome Timã passou a ser associado a um dos descendentes de Esaú no livro do Gênesis, nomeadamente um chefe tribal do seu clã.

Vemos isso em Gênesis 36:15 e 42. Mais especificamente, ele é neto de Esaú e filho de Elifaz, que é o primogênito de Esaú. É evidente que os nomes dos chefes edomitas passaram a ser associados aos distritos regionais do território edomita.

E assim, isto constituiria um forte argumento para identificar Elifaz e Timã e o topônimo relacionado ou o nome do lugar como denotando território, que na verdade era edomita. Quanto aos dois territórios mais proeminentes de Edom, Timan está emparelhado na profecia bíblica com Basra, denotando a região de Timan como provavelmente o distrito sul de Edom e Basra como a principal cidade do distrito norte. Assim, por exemplo, no livro de Amós, Amós profetiza sobre o veredicto de Yahweh: enviarei fogo sobre Timan e ele devorará as fortalezas de Basra.

Ezequiel 25 liga Timã a Dedã, outra região de Edom. Lá diz, assim diz o Senhor Deus: Estenderei a minha mão contra Edom e eliminarei dele homens e animais. Farei com que seja uma desolação desde Timã até Dedã; eles cairão à espada.

Em diversas passagens bíblicas, Timan é identificado com o próprio Edom, particularmente na sua associação como fonte de sabedoria renomada. Em Jeremias 49.7 e 20, o profeta Jeremias prediz a destruição dos célebres sábios de Timan, uma região que passou a se referir por sinédoque a toda Edom. Jeremias diz isto, a respeito de Edom, assim diz o Senhor dos Exércitos, não há mais sabedoria em Timã? Pereceu o conselho dos prudentes? A sabedoria deles desapareceu? Ele prossegue então pronunciando a morte total de Edom.

Portanto, aqui está o plano que o Senhor fez contra Edom e os propósitos que ele formou contra os habitantes de Timã: até os pequeninos do rebanho serão arrastados. Certamente o seu rebanho ficará horrorizado com o seu destino. Obadias tem as palavras mais duras para Edom, decretando igualmente o destino ruinoso destes arrogantes habitantes dos penhascos pelas suas cumplicidades e pelo saque de Jerusalém e pela sua ajuda na captura dos deportados israelitas.

Indo além do texto bíblico, mesmo no período intertestamentário, vemos uma referência a esta ligação entre Edom e a sabedoria. Nos escritos apócrifos judaicos, Baruch, Timan e Edom estão ligados como repositórios de sabedoria. Diz isso no capítulo três, versículo 14, aprendam onde há sabedoria, onde há força, onde há

entendimento, para que vocês possam ao mesmo tempo discernir onde há longevidade e vida, onde há luz para o olhos e paz.

E então oferece vários exemplos de onde a sabedoria pode ser encontrada. Sua sabedoria não foi ouvida em Canaã nem vista em Timã. Uma ligação novamente com Timan e Edom e sua tradição de sabedoria.

Duas outras razões pelas quais Jó e seus amigos parecem estar ligados a Edom seriam o apêndice à tradução de Jó na Septuaginta, que inclui uma longa edição na qual Jó e seus amigos são caracterizados como reis de origem edomita. Neste apêndice, o escritor tradutor diz o seguinte, estes foram os reis que reinaram em Edom, país que ele também governou primeiro Bela, filho de Beor, mas depois de Bela Jobab, que se chama Jó e depois dele Husham. Esta referência a Jobabe forma uma conexão com a genealogia edomita de Gênesis 36.

Em Gênesis 36, os descendentes de Esaú são dados como Bela e depois Jobabe, o que sugere que os primeiros tradutores ligaram Jó ao povo edomita. Então, se for esse o caso, se for verdade que Jó e seus amigos eram provavelmente edomitas, é possível que possamos obter alguma compreensão da sabedoria edomita que possa nos ajudar a compreender melhor a natureza da sabedoria que eles fornecem no livro? Em outras palavras, há algo em Edom que possa nos ajudar a situá-los melhor no contexto de onde emergem? Queremos analisar isso e tentar determinar se podemos entender alguma coisa sobre Edom que possa nos ajudar nesse sentido. De acordo com o registro bíblico, Edom tinha uma monarquia estabelecida antes do advento da realeza em Israel.

Gênesis 36 nos diz; estes são os reis que reinaram na terra de Edom antes que qualquer rei reinasse sobre os israelitas. Embora seja possível que Moisés esteja escrevendo prolepticamente, os comentaristas aqui frequentemente veem um comentário editorial. O resumo bíblico da monarquia de Edom sugere que no início da sua história, ela tinha organização política e coesão social suficientes para apoiar, até certo ponto, a origem e disseminação de materiais de sabedoria, que eram o estoque comum do antigo Oriente Próximo.

E parece que Edom teve uma interação bastante extensa com as potências mundiais de sua época. Por exemplo, o faraó egípcio Ramsés II parece ter catalogado os nomes teofóricos dos chefes edomitas nas suas listas topográficas no templo de Karnak. Outras fontes antigas do Oriente Próximo que também nos ajudam nesse sentido seriam dois obeliscos descobertos em Tanis que datam do século XIV aC.

E implicam uma cultura edomita organizada, se não formidável. A Estela do Sul desses dois proclama a vitória sobre os Líbios e os Núbios, enquanto a Estela do Norte pronuncia o seguinte. Diz, leão feroz e furioso, que devastou a terra dos nômades asiáticos, que saquearam o Monte Seir com seu braço valente.

William F. Albright observou que por volta de 1300 o Monte Seir já era suficientemente ameaçador para ser atacado por um exército egípcio. Interessante a esse respeito é o Papiro Anastasi, que também fala sobre as tribos nômades de Edom. Isto data do reinado de Sethos II no século 13 e indica que os edomitas eram parcialmente sedentários.

Refere-se a eles como uma terra estrangeira e não como um povo estrangeiro. Por último, uma referência do Papiro Harris, que data do reinado de Ramsés III no século XII, menciona os seiritas nômadas. Ele diz que eu provoquei a destruição de Seir entre as tribos dos nômades asiáticos.

Destruí suas tendas. Edom estava localizada numa localização privilegiada nas avenidas comerciais do antigo Oriente Próximo. Situava-se ao longo da Rodovia Real e era central no fluxo de tráfego e comércio que ocorria no mundo antigo.

A Rodovia do Rei era a segunda rota comercial mais valiosa internacionalmente no mundo antigo. Passou pela região montanhosa edomita da região da Transjordânia. Forneceu uma ligação direta entre o Egito e Damasco.

O fluxo tanto de ideias comerciais quanto de religião seguiria direto pelo caminho de Edom. Neste caso, Edom foi a principal porta de entrada para os antigos centros de negócios, bem como teve exposição às muitas culturas e sociedades de sua época. Na verdade, muitos sugerem que a rivalidade entre Israel e Edom tornou-se acirrada com o tempo, devido à luta para controlar estas rotas comerciais árabes, às quais Edom, devido à sua localização, tinha acesso natural.

É importante notar que junto com o comércio e o comércio, materiais escritos também foram repassados junto com textos religiosos. Por exemplo, descobrimos que o épico de Gilgamesh, que remonta pelo menos ao século XIV, foi descoberto em vários locais, a bastante distância, incluindo em Ammar, na Alta Síria, e Megido, em Canaã. Além disso, há um esconderijo de focas do tipo Kassita que foram descobertas na Grécia.

Isso sugere que houve um amplo intercâmbio de culturas e ideias religiosas. Isto é comprovado no livro de Jó por uma das perguntas que Jó faz em resposta a Zofar. Ele pergunta: você não perguntou a quem viaja pelas estradas e não aceita o seu testemunho? A referência sugere acesso a estradas comerciais e contato com outros povos e culturas que estariam viajando por essas estradas, empresários e observadores religiosos.

Então, à luz disto, como podemos então situar Edom no contexto, não apenas da sua posição geográfica, mas no contexto da sua ligação religiosa a estas outras culturas? Uma das perguntas que devemos fazer é por que existem tão poucas evidências

escritas tangíveis desta renomada sabedoria edomita? Há uma escassez de inscrições e isso levou alguns a sugerir que deveríamos abandonar completamente qualquer tentativa de formular uma síntese da sabedoria edomita. Existem várias respostas possíveis para isso. Alguns sugeriram que os principais exemplares da sabedoria edomita foram de fato incorporados à Bíblia Hebraica ou ao Antigo Testamento.

Isto foi sugerido por Robert Pfeiffer no início do século XX. A dificuldade com isso, porém, é que é um tanto teologicamente descuidado. Ele relega inscrito revelação como originada fora dos limites do povo especial da aliança de Deus, a nação de Israel.

O Novo Testamento especifica que o povo judeu foi o destinatário da revelação especial de Deus conforme inscrita no cânon do Antigo Testamento. Eles tinham um papel especial como povo mediador que seria um reino de sacerdotes e uma nação santa. Outra opinião é que, em vez de incorporar materiais edomitas no Antigo Testamento, quando o povo de Edom foi destruído conforme profetizado por Jeremias e Obadias, eles foram tão completamente destruídos que nenhuma evidência escrita foi deixada após essa destruição.

Alguns sugeriram que este é o caso. Outros sugeriram que talvez estejamos simplesmente procurando no lugar errado. Ou seja, ao compreender as semelhanças entre as antigas línguas semíticas, é possível que as inscrições edomitas tenham sido identificadas incorretamente.

Esta é a abordagem adotada por alguns que argumentaram que as inscrições edomitas foram erroneamente classificadas como hebraicas ou moabitas no passado. E então, alguns adotaram essa abordagem. Ao tentar juntar tudo isto, a melhor maneira de compreender os contornos teológicos da sabedoria edomita é olhar para os poucos materiais que parecem atestar a sua tradição de sabedoria e tentar reuni-los numa síntese do que eles sustentam.

O estudioso que fez isso de forma mais completa foi Robert Pfeiffer, que no início do século 20 passou muito tempo discutindo sobre a natureza da sabedoria edomita. Ele, de fato, argumentou que quando você olha para o Antigo Testamento, há certos livros que parecem exibir certas porções das Escrituras, um ethos semelhante ou uma abordagem semelhante a certos princípios da teologia. Por exemplo, ele argumentaria que os dois últimos capítulos de Provérbios, Agur e Lemuel, têm afinidades significativas com o livro de Jó, assim como com alguns outros Salmos do Saltério.

E assim, ele argumenta que, ao juntar tudo isso, podemos tentar supor em que consistiria a sabedoria edomita. Embora existam algumas fraquezas na abordagem de Pfeiffer, parece que ele está no caminho certo, que houve de facto um consenso

de sabedoria na antiga Edom. E podemos encontrar aspectos disso, até mesmo na Bíblia.

Primeiro, há esta ênfase na sabedoria lendária de Edom em passagens como Jeremias 49 e Obadias. E isto é notável porque Edom era considerado inimigo de Israel. E embora fossem inimigos de Israel, o texto bíblico mostra que eram considerados e conhecidos pela sua sabedoria.

Outro fator é que se diz que Salomão é mais sábio do que todos os filhos do Oriente. Pfeiffer considera isso uma referência aberta aos edomitas porque Jó é considerado o maior dos filhos do Oriente. Terceiro, Pfeiffer, como eu disse, argumenta que certas passagens das Escrituras refletem essa ênfase edomita.

Poderíamos ir para Provérbios 30, Agur, às vezes chamado de Jó do livro de Provérbios. Poderíamos ir ao Salmo 89 e ao Salmo 88 e outros lugares. Por último, Pfeiffer acrescenta esta hipótese procurando contrastar o que chamou de teologia judaica com a teologia edomita em Jó e em Provérbios.

Ele argumentou que a sabedoria edomita era pessimista e agnóstica, que via a lei humana como um trabalho árduo sem esperança de recompensa ou punição retributiva. Deus era considerado remoto e indiferente aos assuntos humanos, absolutamente soberano e transcendente. Em meu trabalho, ao examinar algumas passagens da sabedoria edomita e outras coisas, cheguei à conclusão de que poderíamos resumir a sabedoria edomita como incorporando três princípios.

A primeira era que Deus era um Deus temível. Deus era o Deus que induz o medo. Por exemplo, muitos argumentaram que o Deus dos edomitas era um Deus da natureza aterrorizante e misterioso.

Para realmente entender isso, primeiro temos que ver o que os amigos disseram e como eles disseram que refletiam ou não refletiam isso. O Deus edomita na literatura existente era conhecido como Kos. Vemos isso refletido em Esdras 2 e Neemias 7, onde os edomitas fora da nação de Israel têm o nome teofórico Bar Kos, que significa filho de Kos.

E assim, alguns argumentaram, se compreendermos a natureza de Kos, isso nos ajudará melhor a compreender a natureza da religião edomita e a abordagem edomita a Deus. Um autor que interagiu recentemente com isso é Lawrence Zalcman. Ele argumenta que a melhor maneira de entender o deus edomita Kos é relacioná-lo com a palavra hebraica kotz , a palavra hebraica kotz , que ele traduz como sentir um pavor doentio.

Se for esse o caso, a palavra kotz e, portanto, Kotz significaria o pavor que surge sobre alguém como resultado dessa experiência sobrenatural. Zalcman compara esta

etimologia ao epíteto de Deus dado no livro de Gênesis no capítulo 31, o temor de Isaque, que é usado para descrever Yahweh. Mais adiante na passagem, Yahweh é descrito simplesmente como medo quando Jacó jura por medo de seu pai, Isaque.

Se a proposta de Zalcman estiver correta, isto terá implicações para a teologia sapiencial de Elifaz, o principal amigo. Elifaz também subscreveria uma divindade que induz pavor. Em Jó 4, Elifaz descreve vividamente uma experiência visionária que teve.

E isso se destina, parece ser considerado uma revelação especial de Deus. Ao delinear o que viu, ele fala do pavor que esse ser misterioso induziu. Seu retrato é impressionante nos versículos 14 e 15.

Ele diz isso, o pavor e o tremor se apoderaram de mim, o que fez todos os meus ossos tremerem. Um espírito deslizou pelo meu rosto e os pelos da minha carne se arrepiaram. Duas vezes Elifaz usa o termo pavor como substantivo e verbo para descrever o terror, que a divindade induz junto com o sinônimo tremor para descrever sua resposta psicossomática.

Ao longo dos discursos, Elifaz exibe uma preferência marcante pelo termo pavor ou medo para descrever experiências religiosas nas quais o divino é sentido ou percebido. Esta terminologia é útil quando Elifaz delinea sua doutrina retributiva de que os ímpios certamente experimentaram a presença desanimadora de Deus no julgamento. Em seu segundo discurso, Elifaz usa o termo para denotar que a pessoa má é visitada pela retribuição divina quando sons de pavor ou terror chegam aos seus ouvidos.

E finalmente, em seu terceiro discurso, ele fala sobre o pavor e o terror que tomaram conta de Jó como um malfeitor. Ele diz, portanto, que armadilhas estão ao seu redor e um terror repentino toma conta de você. Então, Deus é um Deus de medo.

O segundo princípio que eu descreveria desta forma: Deus está distante. Ele é totalmente transcendente. Ele está além da ordem criada.

Elifaz também enfatiza isso em seus discursos. Ao recontar a visão do sonho, o espírito que lhe dá a revelação enfatiza o vasto abismo entre Deus e o homem que não permite que nenhum mortal alcance a justiça diante de Deus. Por exemplo, diz ele, pode o homem mortal estar certo diante de Deus? Pode um homem ser puro diante de seu Criador? Mesmo nos seus servos ele não confia, nos seus anjos ele acusa de erro.

Esta transcendência divina é tão grande que nem mesmo os anjos celestiais estão livres da corrupção. Em seu segundo discurso, Elifaz reitera o conteúdo desta visão

onírica a respeito da repreensibilidade do homem mortal por causa da separação absoluta de Deus da ordem criada. A humanidade é repugnante.

Ele diz em Jó 15, o que é o homem para que possa ser puro? Aquele que nasce de mulher pode ser justo. Eis que Deus não confia nos seus santos e os céus não são puros aos seus olhos. Quanto menos alguém que é abominável e corrupto, um homem que bebe a injustiça como se fosse água.

A transcendência divina também aborda a incompreensibilidade divina para Elifaz. Na segunda metade de seu primeiro discurso, Elifaz retrata Deus como algo amplamente indiscernível para a humanidade. Um Deus que faz coisas grandes e insondáveis, coisas maravilhosas sem número.

No seu terceiro discurso, isso se torna ainda mais pronunciado. Visto que Deus não se preocupa com os assuntos da humanidade, os esforços humanos não têm valor para ele. Em Jó 22, Elifaz diz: pode o homem ser benéfico para Deus? Até mesmo um homem sábio pode beneficiá-lo? Que prazer daria ao Todo-Poderoso se você fosse justo? O que ele ganharia se seus caminhos fossem inocentes? E esta falta de preocupação com os assuntos humanos provém deste total afastamento ou distância divina.

Ele diz no capítulo 22, versículo 12, Deus não está nas alturas dos céus? Veja as estrelas mais altas, quão elevadas elas são. Para Elifaz, Deus está muito distante do universo material. Deus permanece totalmente transcendente e em grande parte indiferente aos assuntos humanos.

E finalmente, o terceiro princípio seria este: Deus é um Deus retributivo. Deus é caprichosamente retributivo. Elifaz e os outros amigos postulam uma divindade que é caprichosa ao lidar com o homem.

Embora às vezes inconsistente na aplicação desses princípios, Elifaz nos principais pontifica sobre um Deus que, como medidor de justiça cósmica, recompensa o homem de acordo com os caprichos divinos. Por exemplo, no capítulo quatro, Elifaz retrata o malfeitor como alguém que é destruído pelo sopro de Deus e consumido pela explosão de sua ira. Deus é o árbitro todo-poderoso nos assuntos humanos que arbitrariamente aplica punição ou bênção de acordo com os ditames de sua vontade.

Elifaz diz que ele fere, mas ele amarra, ele quebra, mas suas mãos curam. A bênção material e a punição destrutiva de Deus resultam não de seu caráter divino, mas sim do fato de Deus se ofender ou não com o homem e sua conduta. O malfeitor é punido no capítulo 15 porque estendeu a mão contra Deus e desafiou o Todo-Poderoso.

Em nenhum lugar isso está ligado ao caráter moral divino, mas sim um ato de vontade bruta. No terceiro discurso, Elifaz propõe que os ímpios são punidos porque disseram a Deus: afasta-te de nós. E o que o Todo-Poderoso pode fazer conosco? Desta forma, a submissão ao puro poder de Deus é o bem maior.

Considerando que o mal é desafiar e se opor à vontade divina. Para Elifaz, Deus é um Deus retributivo, mas a retribuição não resulta do caráter moral divino. É simplesmente uma força de sua vontade.

Então, tendo analisado os contornos da sabedoria edomita, estamos em melhor posição para compreender o papel e os princípios do amigo de Jó no que se refere ao propósito do livro. O conselho deles baseia-se na tentativa equivocada e, em última análise, fracassada de forçar Jó a reconhecer que um Deus aterrorizante, totalmente transcendente e caprichosamente retributivo puniu Jó na proporção adequada aos seus pecados. Jó deve reconhecer esses pecados e se arrepender.

Se fizer isso, de acordo com Elifaz e os outros amigos, ele recuperará o favor de Deus e será restaurado à sua sorte anterior. Uma característica significativa do livro, entretanto, é subverter essas abordagens retributivas para discernir os desígnios da providência de Deus. Deus é soberano, livre e gracioso como atesta o livro.

Ele não pode ser forçado a esta causa e efeito simplista. Assim, o livro exhibe o lado negro da sabedoria. Estes são cenários em que os princípios gerais de Provérbios não conseguem explicar as realidades de um mundo caído.

Mais será dito sobre isso à medida que abordarmos a próxima parte. No próximo segmento, veremos Elifaz, especialmente através de seus discursos, enquanto ele procura levar Jó a um lugar de apaziguamento divino para reconhecer e se arrepender de seus pecados. Vou sugerir que ele não faça isso.

No final do livro, ele é repreendido de uma forma que nos ajuda a entender melhor o que o livro está tentando realizar e qual é a função de Elifaz no livro. Portanto, convido você a se juntar a nós em nosso próximo segmento, enquanto olhamos para Elifaz, particularmente no contexto de sua antiga teodicéia de sabedoria do Oriente Próximo.

Este é o Dr. Kyle Dunham em seu ensinamento sobre Elifaz, o sábio piedoso de Jó. Esta é a sessão número um, Elifaz no contexto da sabedoria edomita.